

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

6. Revoltas e Quilombos

Se Palmares foi o maior símbolo da resistência contra a escravidão na sociedade colonial, variadas foram as formas de luta direta contra o sistema escravista. Fugas, organização de quilombos e revoltas aconteceram em qualquer local onde houvesse escravidão. Mesmo que não tenham tido êxito completo, esses movimentos transformaram a dominação e deixaram notícias das ações e caminhos dos africanos rumo à liberdade, ao longo do período colonial e do século XIX.

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Negro Cosme/ Balaiada – Vale do Itapecuru - MA*

A revolta do Cosme durante a Balaiada é a maior insurreição de negros da história do Império do Brasil. Entre dois a três mil quilombolas acompanharam Cosme Bento das Chagas (?-1842) no auge de sua luta pela liberdade dos escravizados, e pelos direitos dos camponeses e vaqueiros pobres. Dom Cosme era nativo do Sobral, no Ceará, e forro. Apesar dele e muitos quilombolas serem “crioulos”, havia entre eles também muitos africanos, como se observa pelas listas dos presos. Eram Angolas, Congos, Cambindas, Mandingas e Nagôs. Desde antes da Balaiada, escravos fugidos tinham se aquilombado nas “matas de Codó”, no Ceará, em lugares ainda não identificados. Durante a Balaiada Cosme estabeleceu seu quartel general na fazenda da Lagoa Amarela, próximo aos rios Munim e Mearim no Maranhão, Vale do Itapecuru. Ele foi preso com os últimos remanescentes do seu exército no dia 7 de fevereiro 1841. Cosme foi condenado à forca por um tribunal na vila e cabeça de comarca do Itapecuru-Mirim (Maranhão) e executado, na Praça do Mercado, em setembro 1842.

Referência:

ARAUJO, Maria Raimunda, *Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme, Tutor e Imperador da Liberdade*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig, “Cabanos contra Bem-te-vis: A construção da ordem pós-colonial no Maranhão (1820-1841)”. In: *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e histórias*. Mary del Priore & Flávio dos Santos Gomes, editores. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier, 2003, pp. 195-225.

Consultor: Matthias Röhrig Assunção

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Quilombo do Catucá/ Malunguinho – Recife – PE*

O quilombo do Malunguinho começava nas imediações de Recife e margeava a fronteira agrícola da zona da mata norte, entre 1817 e 1835. Com evidente organização, os quilombolas dividiam-se em vários grupos espalhados pelas matas do Catucá, agindo em conjunto ou separadamente. Malungo é palavra de origem banta, tronco linguístico de ampla área da África centro-ocidental, e poderia significar “meu barco” ou “camarada de embarcação”. Malunguinho foi o nome atribuído ao líder do quilombo, provavelmente africano, e tornou-se designação para todo escravo insurreto, assim como entidade sagrada nos cantos da Jurema.

Referência:

CARVALHO, Marcus. *Liberdade. Rotinas e Rupturas*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1998;

CARVALHO, Marcus. *O Quilombo de Malunguinho. O Rei das Matas de Pernambuco*. In: REIS, João José e GOMES, Flavio Santos. *Liberdade por um Fio. Histórias dos Quilombos no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

Consultor: Marcus Carvalho

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Quilombo dos Palmares* – União de Palmares - AL

No sítio arqueológico da Serra da Barriga, em Alagoas, onde se localizava o antigo quilombo, hoje se situa o Parque Memorial Quilombo dos Palmares. As primeiras referências históricas aos mocambos dos Palmares datam de princípios do século XVII, período de consolidação da produção de açúcar no Brasil e do uso de mão-de-obra escrava africana. A influência de formas de organização de reinos africanos da região do Congo-Angola na estrutura política de Palmares tem sido aventada por historiadores. As negociações de paz entre o governador de Pernambuco Pedro de Almeida e o líder de Palmares, Ganga-Zumba, em 1678, seguiram o protocolo político das guerras travadas pelos portugueses com os reinos africanos vizinhos à colônia portuguesa em Luanda. Zumbi teria sido o último chefe militar dos mocambos e acabou sendo derrotado pelas tropas do sertanista Domingos Jorge Velho, em 1695. Desde então, ainda que com diferentes ênfases, Palmares e Zumbi transformaram-se em ícones da resistência negra à escravidão, mesmo que o quilombo fosse marcado por intensa troca cultural entre africanos, seus descendentes, os povos nativos da América e os colonos moradores dos povoados vizinhos ou foragidos da guerra entre portugueses e holandeses. Desde o final do século XX, 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, foi transformado em Dia Nacional da Consciência Negra.

Referência:

GOMES, Flavio. *Palmares*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

LARA, Silvia H. Marronnage et pouvoir colonial. Palmares, Cucaú et lêsfrontières de lalibertéau Pernambouc à lafinduXVIIesiècle. *Annales*(Paris), v. 67, p. 639-662, 2007.

<http://serradabarriga.palmares.gov.br/>.

Consultor: Hebe Mattos

**Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da
História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Quilombo do Buraco do Tatu - Salvador – BA*

Quilombo destruído em 1763, habitado por duas centenas de escravos, muito bem protegido com fossas e caminhos falsos. Os quilombolas sobreviviam de agricultura e pesca, mas também de assaltos nas estradas e do saque a fazendas vizinhas, levando grande instabilidade às áreas agrícolas próximas e provocando, frequentemente, forte reação repressiva. Provavelmente, localiza-se hoje em sítio do mesmo nome, na atual Estrada Velha do Aeroporto, que liga a BR 324 ao bairro de São Cristóvão.

Referência:

SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, camponeses e rebeldes*. Bauru, EDUSC, 2001

REIS, João José Reis & GOMES, Flavio Gomes (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Consultor: João José Reis

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Engenho Santana – Ilhéus – BA*

Localizado nas margens do Rio do Engenho, no município de Ilhéus, os escravos desse grande engenho se levantaram em duas ocasiões, 1789 e 1824, em ambas formando quilombos. No primeiro episódio, os rebeldes submeteram ao senhor um tratado com as condições sob as quais retornariam ao trabalho. Dentre elas, o reconhecimento de direitos ligados às condições de trabalho e de vida: diminuição do volume de tarefas, o cultivo de roças de subsistência, eleição do feitor e celebração de festa, sem que fosse necessário pedir licença.

Referência:

SCHWARTZ, Stuart B. “Resistance and Accommodation in Eighteenth-Century Brazil”. *Hispanic American Historical Review*. v 57, n. 1 (1979), 69-81.

REIS, João José Reis & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1989.

Consultor: João José Reis

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Bairro de Itapoan – Salvador – BA*

Um dos mais importantes levantes de escravos africanos na Bahia, levado a cabo principalmente por escravos de origem haussá, muçulmanos na sua maioria, teve como epicentro a vila de Itapoan, então cercada por fazendas e armações de pesca de baleia. Localizada no litoral norte da cidade de Salvador, Itapoan foi atacada pelos rebeldes, em 28 de fevereiro de 1814, que em seguida rumaram para o Recôncavo, com o objetivo de expandirem a revolta. Um contingente da cavalaria e milicianos controlaram os revoltosos, depois de grande combate às margens do Rio de Joanes.

Referência:

SCHWARTZ, Stuart. Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás. Bahia, 1814. In: REIS, João José e GOMES, Flavio Santos (ogs.). *Liberdade por um Fio: histórias dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Consultor: João José Reis

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Ladeira da Praça - Salvador – BA*

Próximo ao pé da ladeira da Praça, em frente ao atual Quartel General do Corpo de Bombeiros, na casa de dois libertos nagôs, teve início, na madrugada do dia 24 para 25 de janeiro de 1835, a Revolta dos Malês, que é considerada a mais importante feita por escravos urbanos nas Américas. Foi organizada por africanos iorubás (chamados nagôs no Brasil), adeptos do Islã (os malês), mas contou com a participação de negros não muçulmanos, escravos e libertos, e alguns de outras nações que não os nagôs. Estima-se que os rebeldes tenham sido em torno de seiscentos, cerca de cinquenta morreram em combate e nove pessoas foram mortas por eles.

Referência:

REIS, João José Reis. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Consultor: João José Reis

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Campo da Pólvora – Salvador - BA.*

Em 14 de maio de 1835, no Campo da Pólvora, quatro africanos foram fuzilados, cumprindo-se assim a pena de morte a que tinham sido condenados por participação na Revolta dos Malês, ocorrida em janeiro do mesmo ano. Os corpos de Jorge da Cruz Barbosa (nome africano Ajahi, nagô, liberto, carregador de cal), Pedro (nagô, carregador de cadeira, escravo do comerciante inglês Joseph Mellors), Gonçalo (nagô, escravo de Lourenço de tal) e Joaquim (nagô, escravo de Pedro LuisMefre) foram enterrados numa cova comum de um cemitério vizinho destinado a indigentes escravos e livres.

Referência:

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Consultor: João José Reis

**Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da
História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Largo do Pelourinho - Salvador – BA*

Localizado no Centro Histórico de Salvador, na antiga freguesia da Sé, o local foi durante o período colonial palco de suplício de homens livres e, sobretudo, de africanos escravizados que tivessem cometido crimes individuais ou participado de revoltas.

Referência:

REIS, João José Reis. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Consultor: João José Reis

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Carrancas – Cruzília – MG*

A revolta de Carrancas eclodiu nas propriedades da família Junqueira, na freguesia de Carrancas, em 13 de maio de 1833, sob a liderança do escravo Ventura Mina. O movimento começou na Fazenda Campo Alegre (não existe atualmente) e alastrou-se para a fazenda Bela Cruz, onde escravos das procedências crioula, mina, cassange, angola, benguela, congo e moçambique, invadiram a casa grande e mataram diversos membros da família Junqueira. As principais lideranças da revolta foram os escravos Joaquim Mina, Jerônimo, Roque Crioulo e Damião. Dezesete escravos foram presos e condenados à pena de morte por enforcamentos e outros quatro por açoites e ferros.

Referência:

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites Regionais e a formação do Estado Imperial Brasileiro. Minas Gerais- Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

Consultor: Silvia Brugger

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

*Local: Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga – Cavalcanti,
Monte Alegre e Terezina – GO*

Em 1722, os bandeirantes Bartolomeu Bueno e João Leite da Silva Ortiz deram início ao ciclo minerador no cerrado, tendo sido a mão de obra africana o motor propulsor dessa estrutura. Os africanos que chegaram à região vinham do porto de Santos (SP), Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ), provenientes da região do Congo, Angola e outras localidades próximas da costa oeste da África. Muitos desses escravos fugiram do trabalho das minas e estabeleceram quilombos. A população Kalunga é uma comunidade negra rural formada por descendentes desses quilombolas. Localizado no nordeste goiano, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga possui 237 mil hectares. A comunidade Kalunga ocupa as áreas periféricas da Chapada dos Veadeiros e abriga mais de quatro mil pessoas, sendo a maior comunidade remanescente de quilombo do Brasil.

Referência:

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: Povo da Terra*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás (GO), 2006.

Consultor: Daniela Yabeta

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Manoel Congo – Vassouras/Paty do Alferes – RJ*

Em 5 de novembro de 1838, nas terras do Capitão-mor Manuel Francisco Xavier, um grupo de aproximadamente 80 escravos, fugiu para as matas próximas, conhecidas como matas de Santa Catarina. No percurso, roubaram mantimentos e equipamentos e uniram-se a escravos de outras fazendas. Pretendiam construir comunidades quilombolas. Entre todos os fugitivos, a maior parte era composta por africanos. O pânico entre autoridades e fazendeiros motivou uma rápida organização do aparato militar. Ainda em novembro de 1838, muitos fugitivos tinham sido mortos, presos e castigados. Manoel Congo, escravo com ofício de ferreiro, foi denunciado como o líder da revolta e o único a ser condenado à morte. Seu enforcamento foi em Vassouras, em 6 de setembro de 1839, em local conhecido como Largo da Pedreira e hoje transformado em memorial.

Referência:

GOMES, Flavio dos Santos. *Histórias de Quilombolas. Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro*. Século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Consultor: Martha Abreu

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Quilombo Maria Conga – Magé - RJ*

Identificada e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2007, a comunidade que se identifica como Remanescente de Quilombo Maria Conga forma um bairro bem próximo ao centro de Magé, cidade localizada no fundo da Baía da Guanabara. Registros oficiais da prefeitura reconhecem a importância histórica do local para o município, pois Maria Conga, que teria chegado ao Brasil no início do século XIX e fundado ali uma comunidade de fugitivos, representa a luta pela liberdade dos africanos e seus descendentes. Ao longo do século XIX, a região do Recôncavo da Guanabara foi marcada pela presença de muitos quilombolas que mantinham intensa relação com escravos de plantações, taberneiros e remadores de cidades próximas, formando uma complexa rede social de apoio a fugas.

Referência:

<http://mapadecultura.rj.gov.br/mage/quilombo-maria-conga>

GOMES, Flavio. *Histórias de Quilombolas. Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro. Século XIX*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

Consultor: Martha Abreu